
**DIÁSPORA, EXÍLIO E MEMÓRIA NAS LITERATURAS
AFRICANAS EM LÍNGUA PORTUGUESA**
Diaspora, Exile and Memory in African Literatures
Written in Portuguese Language

Kleyton Ricardo Wanderley Pereira¹
Francisca Zuleide Duarte de Souza²

RESUMO: A migração é tema presente nos estudos críticos do pós-colonial que juntamente com desapropriação, exílio, nostalgia, memória, entre outros, tornaram-se palavras-chave nas discussões sobre o papel significativo de temas diaspóricos. Essas palavras sugerem as redes real e imaginária de relações entre povos espalhados, cujo senso de comunidade se sustenta através de formas de contato várias, como parentesco, língua, rituais, etc. Tais identidades diaspóricas estão em constantemente movimento, com e através da transformação e da diferença. Nas literaturas da lusofonia, a questão da migração, ainda é uma ferida aberta, alimentando estudos críticos do pós-colonial e é, por certo, aquele do qual se nutre boa parte da literatura contemporânea. Neste trabalho, apresentamos diferentes perspectivas sobre a diáspora e seus desdobramentos em textos das literaturas africanas de língua portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Diáspora; Exílio; Migração; Literatura africanas em língua portuguesa.

ABSTRACT: Migration is a theme present in the post-colonial studies. Displacement, exile, nostalgia, memory, amongst other themes, became keywords for the discussion of contemporary diasporas; as such as cultural identity and frontiers also play an important role in the identification of diasporic themes. These words suggest the real and imaginary networks of relationship between people spread around the world whose sense of community is supported through various forms of contact such as kinship, language, rituals, etc. Such diasporic identities are in constant motion, with and through transformation and difference. In Lusophone literatures, the issue of migration, one of its main themes, is still a big wound in postcolonial studies. In this paper I present different perspectives of diaspora and its consequence in texts of African Literature written in Portuguese Language.

KEYWORDS: Diaspora; Exile; Migration; African Literatures written in Portuguese Language.

Atualmente, as culturas que compartilham da experiência híbrida do mundo globalizado, de identidades culturais não fixas, espaços de encontro e confronto e negociação e entrelaçamento de culturas, emergem em

¹ Docente da Universidade Federal Rural de Pernambuco, campus Serra Talhada.

² Docente da Universidade Estadual da Paraíba, campus Campina Grande.

toda parte. Ao contrário do que possa pensar o senso comum, tais relações de poder, dificilmente simétricas, não se configuram pacificamente. A violência costura os entrelaçamentos de valores, culturas, ideias e combinações num processo de negação, assimilação, revisão e reapropriação cultural. Em sociedades multiétnicas, como é o caso das africanas, essa apropriação se dá a partir da (re)construção e readaptação permanentes da cultura, entre as sendas do colonial e do pós-colonial, de maneira especial no caso dos indivíduos (des)enraizados na diáspora.

A diáspora leva ao discurso sobre a cultura, a tradição e a língua, ou seja, sobre a identidade dos sujeitos diaspORIZADOS. Segundo BONNICI (2012, p. 60), “a identidade do sujeito, inerentemente ligada à consciência sistêmica da tradição e da língua, se constrói quando o deslocamento se efetiva e se realiza”. Neste sentido, o deslocamento se torna a pedra de toque na construção identitária do sujeito diaspórico: a negociação entre o estrangeiro e seu novo lar produz forças para construção de uma impossível ubiquidade, o sonho de estar aqui e lá ao mesmo tempo e todo o tempo (SAYAD, 1996, p. 10-2).

Assim, problematizando essas relações, as literaturas pós-coloniais revelam zonas de contato em que há:

um embate entre o sujeito diaspórico e o ambiente cultural de um país industrializado, frequentemente hegemônico, racista e objetificador do outro diferente. É nessa superação da dominação e da subordinação que o sujeito diaspórico constrói sua identidade [...] (BONNICI, 2012, p. 60).

A partir dessas estratégias de resistência, a África fornece recursos de sobrevivência e histórias alternativas àquelas impostas pelo domínio colonial, seja em suas *homelands*, seja nos espaços da diáspora. A razão para isso,

[...] é que a ‘África’ é o significante, a metáfora, para aquela dimensão de nossa sociedade e história que foi maciçamente suprimida, sistematicamente desonrada e incessantemente negada e isso, apesar de tudo que ocorreu, permanece assim. Essa dimensão constitui aquilo que Frantz Fanon denominou “o fato da negritude”. A raça permanece, apesar de tudo, o segredo culposos, o código oculto, o trauma indizível [...] (HALL, 2003, p.40-1).

No caso específico da África lusófona, a experiência da diáspora é tão diversa e heterogênea quanto as demais experiências contemporâneas e

passa por inúmeros períodos mais ou menos intensos de migração entre os países do grupo dos PALOP e seu principal destino, Portugal.

Considerando o colonizador comum, retrocedemos aos processos diaspóricos nos países lusófonos.

Sabe-se que desde o século XV africanos e alguns asiáticos de alguns países submetidos à coroa portuguesa viviam em Portugal na condição de escravos ou párias o que, em certo sentido resulta na negação da cidadania. Essa presença é consequência da política expansionista e fruto dos processos de crescimento econômico, resultando tanto no desenvolvimento da área urbana da cidade, principalmente as portuárias como Lisboa, quanto do fortalecimento de um poder central e formação de uma crescente burguesia (GUSMÃO, 2006, p. 56).

Quanto à emigração nos países africanos de língua portuguesa, entre o final do século XIX e a II Guerra Mundial, foi, predominantemente de camadas socialmente privilegiadas (comerciantes, funcionários públicos e, principalmente, estudantes). A partir da segunda metade do século XX, após a descolonização nos anos 50 e 60, aumentou o fluxo de africanos para Portugal. Nas primeiras décadas do século XX, já era possível perceber, na sociedade, a presença de negros oriundos das colônias de ultramar. Dessa maneira, em pouco tempo, Portugal que era um país de emigração passa a ser o destino de fluxos migratórios.

Nessa época, a primeira leva de africanos era em sua maioria cabo-verdianos sem escolaridade e profissionalmente desqualificados, constituiu boa parte do número e emigrantes, suprindo as necessidades de mão-de-força da construção civil. A partir da Revolução de 1974, os processos de independência nas antigas colônias lusas em África — que levaram à luta interna, guerra civil e guerrilha por décadas —, é possível distinguir entre dois tipos de emigração: a) a de refugiados, impulsionada pelas violentas guerras civis em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique; b) de trabalhadores indiferenciados, em Cabo Verde e São Tomé e Príncipe.

Com o deslocamento dos africanos oriundos de países de língua oficial portuguesa, Portugal torna-se um dos principais atrativos aos imigrantes dos PALOP por laços familiares, pela ligação linguística e histórica entre os países o que nos leva a considerar três grandes momentos de migração desde o período da independência na década de 70: 1) marcado pelos retornados, isto é, aqueles indivíduos filhos de migrantes portugueses que nasceram nas colônias africanas e que, após a independência, insatisfeitos com a situação do país optaram por emigrar; 2), década de 80, coincide com uma época política difícil, com uma sociedade fechada, sem liberdade para muitos; 3) nos anos 90, com a incerteza e instabilidade política das guerras civis em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Num dos estudos mais recentes sobre imigrantes dos PALOP em Portugal, Ferreira *et al.* (2008) apontam o surgimento do fluxo migratório a partir dos anos 70 e um crescimento acentuado no fim dos anos 90, chegando mesmo a duplicar no caso específico dos angolanos, por razões externas e internas. Segundo os autores, uma das razões internas é a de que, em Portugal:

fazia-se sentir no país uma acentuada falta de mão-de-obra no sector secundário — sobretudo na construção civil, nas limpezas e na restauração —, resultante da falta de atractividades destes segmentos do mercado de trabalho para trabalhadores portugueses (FERREIRA, 2008, p. 38).

Como razões externas, além da precária oferta de serviços à população, a instabilidade política e social causada pelo conflito militar que se vivia nos PALOP, principalmente em Angola, Guiné e Moçambique.

A gênese dos movimentos de independência desses países está na criação, em 1946, da Casa dos Estudantes do Império — CEI, em Portugal, lugar de encontro onde se originaram e organizaram a consciência libertadora formando, na clandestinidade, as primeiras organizações políticas de combate ao colonialismo português em África.

Na tentativa de suprimir qualquer tipo de revolta contra o regime, calando as insatisfações, e formar os quadros “intelectuais” que governariam as colônias em nome de Portugal, a ditadura salazarista criou um aparato de controle que queria impedir o florescimento de uma identidade territorial, política e cultural, bem como formar na metrópole uma classe de estudantes e intelectuais oriundos das “elites locais”, angolana, cabo-verdiana e moçambicana, principalmente, a fim de servir aos propósitos do Império. Até a primeira metade do século XX, por causa da ausência de uma sociedade civil desenvolvida e o domínio do Estado e das instituições burocráticas nas mãos dos portugueses, as antigas colônias já possuíam uma forte identidade cultural e política, o que apenas cresceu com a aproximação entre os estudantes dos territórios portugueses de ultramar.

Um novo fluxo migratório aconteceu durante a década de 1980 quando muitos africanos migraram para a Europa, principalmente Portugal, para trabalhar na construção civil. A partir de então, os imigrantes dos PALOP se fazem visíveis na sociedade portuguesa, dando início a um processo de xenofobia que se agravaria durante as décadas seguintes. Tornam-se então recorrentes no discurso político, em correspondência ao que já existia no discurso social, as categorias de imigrante e imigração,

estabelecendo uma clara distinção entre portugueses e estrangeiros³ (africanos).

Enfim, a experiência do imigrante africano na Europa ou na América não para de crescer e é causada por diversos fatores internos — a extrema pobreza, a fome, a alta mortalidade, entre inúmeros outros —, e externos — possibilidades de trabalho, à remuneração e à ascensão profissional. A definição e caracterização desta diáspora não é tarefa fácil. Do ponto de vista sociológico ela se apresenta como uma massa bastante heterogênea, repercutindo às vezes a estratificação social do país de origem.⁴

Sobre os números e diversidade de motivos das diásporas das antigas colônias portuguesas em África, em especial na experiência da Guiné-Bissau, Moema Parente Augel (2007, p. 186) afirma:

Portugal acolheu a primeira grande leva de imigração de guineenses imediatamente após a independência da Guiné e de Cabo Verde (1973-1975). Tratava-se sobretudo de africanos aculturados, “crioulizados”, antigos funcionários da administração portuguesa, inclusive soldados africanos que tinham lutado ao lado do colonizador e que não tiveram dificuldades em integrar-se no mercado de trabalho na metrópole, pela experiência que podiam comprovar. Embora não apresentassem um diploma acadêmico, possuíam uma certa habilitação, adquirida graças ao íntimo contato com o colonizador, única possibilidade que lhes restara, uma vez que a metrópole negligenciara completamente a formação de quadros. [...] Com as crescentes dificuldades políticas e econômicas, a década de 80 registrou um número muito elevado de migrantes guineenses não qualificados que abandonaram o país motivados pela necessidade econômica ou por motivos financeiros.

Angola, por exemplo, continuou sofrendo com a guerra civil que seguiu sua independência e as lutas pelo poder entre os partidos MPLA e UNITA. Muitos angolanos, por isso, refugiaram-se em busca da paz que as

³ Nesse caso específico, os imigrantes dos PALOP tornam-se sinônimos de negros, pretos e africanos e vice-versa. É ser estrangeiro mesmo tendo nascido em Portugal. Assim diz Gusmão (2006, p. 68): “A razão parece simples, ao se estar fora do grupo português, fora da realidade portuguesa de/e para portugueses, se está fora da nação. Constituem, assim, os “africanos”, em geral, um outro povo, um povo que está — para o pensamento comum português — momentaneamente “fora de lugar”. Seu destino é retornar ao lugar de origem.”

⁴ Isso porque a saída de boa parte da população economicamente ativa e de intelectuais dos países africanos reflete diretamente na política, na economia e na educação.

incertezas do novo governo não permitiram. Outros, sempre à margem de tudo — educação, saúde, moradia, o mínimo que importa ao bem-estar social —, procuraram melhores condições de vida na antiga metrópole ou outros lugares. Uns terceiros ainda conseguiram oportunidades de estudar, trabalhar e planejar um futuro melhor do que o oferecido pela sua terra natal para si e para sua família.

It would be overstating the case to say that the Angolan diaspora in Portugal is definable in terms of a strong, homogenous common culture. More important to my interlocutors was the understanding that they shared the same notion of sociality and culture of relatedness (Carsten, 2000). These, as I see it, were primary markers of Angolan identity and highlighted the differences between themselves and the Portuguese. The people I knew often described these markers of both belonging and differences through the concepts of convivência and calor humano (ØIEN, 2007, p. 25).⁵

A imigração dos africanos para a Europa, em particular Portugal, está ligada não só a fatores mundiais de um contexto de globalização e transformação social da ordem mundial. Segundo Milton Santos, o fenômeno das migrações está ligado à organização da economia e do espaço e que por isso, “são uma resposta a situações de desequilíbrio permanente e contribuem para agravar esses desequilíbrios econômicos e espaciais, geralmente em favor de zonas já evoluídas” (SANTOS, 2004, p. 306).

Apesar disso, também é possível identificar alguns desses processos de migração ligados a fatores locais e regionais. Um desses processos que implica positiva e negativamente em ambos os fatores é o chamado *brain drain*. Este é um processo comum e bastante atual nas organizações das sociedades modernas e globais onde jovens emigrantes, geralmente, saem de seus países de origem em busca de formação acadêmica e/ou técnica, formando-se fora de seu país de origem e, por vários motivos, não regressaram. Esse fenômeno acabou causando nos países em desenvolvimento a “hemorragia de qualificações e aptidões, elevada lacuna

⁵ Tradução nossa: Seria exagero dizer que a diáspora angolana em Portugal é definível em termos de uma forte cultura homogênea comum. Mais importante para meus interlocutores foi o entendimento que eles compartilhavam a mesma noção de sociabilidade e cultura de parentesco (Carsten, 2000). Estes, a meu ver, foram os marcadores primários da identidade angolana e destacou as diferenças entre eles e o Português. As pessoas que eu conhecia muitas vezes descreviam estes marcadores de ambos pertencimento e diferenças através dos conceitos de convivência e calor humano.

ao nível da mobilização que corresponde à necessidade nacional de recursos humanos” (FERREIRA *et al.* 2008, p. 11).

Observamos, nestes casos, efeitos positivos e negativos tanto no país de origem quanto no de destino. Enquanto efeitos positivos ao país de destino, o *brain drain* contribui para a prosperidade de sua economia; por outro lado, os efeitos negativos surgem quando não há mais mão-de-obra e o país se depara com tensões sociais derivadas, principalmente, da concorrência ao nível do emprego e do desemprego. No país de origem, a expectativa positiva é de que essa mão-de-obra se qualifique e, retornando, possa contribuir na reconstrução e no crescimento político, econômico e sociocultural da nação. Além disso, alguns países sobrevivem com a remessa de dinheiro que é injetada na economia pela população que vive no exterior, como é o caso de Cabo Verde onde o envio de dinheiro dos diasporizados é maior do que o PIB do país. Entretanto, com a saída e o não retorno dessa mão-de-obra, os países de origem não se desenvolvem política e economicamente de forma satisfatória.

Hoje em dia, os angolanos são a segunda maior comunidade Africana vivendo em Portugal,⁶ atrás apenas de Cabo Verde. Segundo o censo de 2004, o número de imigrantes angolanos legais em Portugal chega a mais de 260.000. Acredita-se que se o número de imigrantes ilegais fosse considerado esse número seria bem maior.

Como os outros países do PALOP, Angola carece de recursos humanos necessários para seu desenvolvimento econômico e social, principalmente por causa do sucateamento de um sistema educacional fortemente afetado pela situação de guerra civil que grassou no país desde a independência, em 1975, até a abertura política e assinatura do acordo de entendimento entre o partido do governo angolano, o MPLA, e a UNITA.

Somados os números dos cinco países africanos de língua oficial portuguesa, eles estão na lista das quinze nacionalidades imigrantes mais representativas em Portugal, pesquisa referente ao ano de 2007, distribuídas da seguinte forma: Cabo Verde (63.925), Angola (32.728), Guiné-Bissau (23.733), São Tomé e Príncipe (10.627) e Moçambique (5.681). (Cf. Ferreira *et al.*, 2008, p.42-4).

⁶ Numa pesquisa recente (ØIEN, 2007), com jovens entre 18 e 30 anos vivendo em Portugal, num total de 200 pessoas, constatou-se que 79% eram angolanos, 7,5% tinha nacionalidade portuguesa e 13% tinha dupla nacionalidade. Dentre os 200, 67,5% nasceram em Angola e 6% em Portugal (os outros 26,5% não quiseram responder).

A formação das chamadas literaturas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa — PALOP é fruto de um doloroso e longo processo transcultural, que passa do estado de alienação no qual as Áfricas de maneira geral foram imersas, passando pela libertação dessa alienação — onde a literatura teve um papel fundamental, ao engajar-se nas raízes profundas da realidade social —, até a constituição da individualidade dos escritores, após a independência nacional.

Diante do contexto multicultural dessas experiências, enquanto produtos culturais discursivos, os textos literários se articulam e negociam na (re)construção das diversas identidades a partir de interconexões e interpenetrações de um sistema de representação sociocultural em espaços heterogêneos, comunidades imaginadas, que procuram resistir ao silenciamento das diferenças culturais, através das diversas formas de imposição e poder cultural. Nesse sentido, a literatura denuncia as tensões na expressão da cultura, da língua e da vivência dos personagens (MATA, 2007, p. 86), como é o caso aqui específico das literaturas africanas de língua portuguesa, em especial os que vivenciam a experiência da diáspora.

Nessas literaturas, a questão da migração, ainda é o ponto nodal nas análises críticas e é, por certo, o fio condutor das literaturas africanas de maneira geral, não apenas as de língua portuguesa. As criações ficcionais possibilitam, ao leitor, enxergar a reação contra os paradigmas socioculturais herdados do colonialismo e a inserção de um discurso pós-colonial, que tem raízes profundas na realidade social, compondo um inventário da vida africana, de como ela se reflete na formação psíquica e emocional da sociedade.

Através da linguagem literária e de seus próprios mitos e rituais, o mundo africano consegue preservar-se, expressando sua própria cosmovisão, a maneira como esse sistema reflete na formação psíquica, emocional, sociocultural e artística da sociedade africana contemporânea, libertos da perspectiva exótica. Em outras palavras, a apropriação simbólica da realidade por meio da literatura reflete os elementos que constituem a marca cultural específica do espaço sociogeográfico do qual o indivíduo faz parte.

A produção literária africana vai além da natureza primária do texto ficcional: intersecciona o conhecimento interdisciplinar com o prazer na significação das obras. Afinal, foi através da literatura que os cinco países africanos de língua “oficial” portuguesa, durante o regime em que a liberdade de expressão era cerceada pela ditadura monopartidária, transmitiu os eventos omitidos pelo discurso oficial, refletindo criticamente sobre os acontecimentos e desenvolvendo uma emergente consciência crítica de independência colonial.

O cultivo das literaturas de língua portuguesa em África é fruto, por um lado, de um longo processo de assimilação e, por outro, do processo de conscientização e desenvolvimento cultural nas ex-colônias, a partir dos anos 40 e 50 do século XIX, com o surgimento de um jornalismo crítico do julgo colonial. Boa parte das manifestações literárias da época era veiculada através de publicações recheadas de informações úteis e bons versos de autores locais.

Nas ficções das áfricas lusófonas, as experiências migratórias são vivenciadas de maneiras diferentes e podem provocar reações as mais diversas, tanto naquele que retorna ao seu lugar de origem quanto nos que o recebem — no caso da diáspora em Cabo Verde, esse sentimento de entre-lugar próprio do cabo-verdiano é revelado por Baltasar Lopes (1986) na epígrafe de seu romance *Chiquinho* que diz em crioulo: “*Corpo, qu’ê nêgo, sa ta báí; Coraçom, qu’ê fôrro, sa ta fica...*”.⁷

Na literatura angolana, o tema do retorno após longo exílio remonta à publicação da primeira obra impressa em Angola. O livro *Espontaneidades da minha alma: às senhoras africanas* de José da Silva Maia Ferreira, publicado em 1842. É uma coletânea de poemas típicos da época, marcados pela assimilação cultural e influência de Gonçalves Dias. Um exemplo claro da temática do exílio na sua obra é o poema “À minha terra”, cujo subtítulo “no momento de avistá-la depois de uma viagem”, acompanha o tom de saudade característico do poema “Canção do Exílio”, do autor romântico brasileiro.

Outros autores angolanos, posteriormente, também se debruçaram sobre o tema da diáspora e seus desdobramentos saudosa, algumas vezes, messianicamente, outras. É o caso, por exemplo, do poeta Agostinho Neto⁸ no poema intitulado “Havemos de voltar”, onde revela o desejo de voltar à terra libertada, bem como de assistir e participar do retorno às tradições culturais dos povos africanos, invisibilizadas pelo colonialismo europeu.

A obra *Nga Muturi*, de Alfredo Troni,⁹ publicada originalmente em 1882, descreve um retrato da sociedade angolana do final do século XIX.

⁷ “O corpo, que é escravo, vai; o coração, que é livre, fica...”.

⁸ Primeiro presidente de Angola (1975-1979), estudou medicina nas Universidades de Coimbra e Lisboa durante sua estada na Casa do Estudante do Império (1943-1965), importante centro da luta anticolonial e de libertação das colônias portuguesas em África que foi primeiramente criado com o intuito de fortalecer a mentalidade imperial, mas que desde cedo despertou nos jovens frequentadores uma consciência sobre a ditadura e o sistema colonial, bem como a vontade de descobrir e valorizar as culturas dos povos colonizados. Agostinho Neto foi preso pela PIDE, sendo deportado para a prisão do Tarrafal, em Cabo Verde. De lá, foi para Portugal, de onde fugiu para o exílio, retornando a Angola durante o período das Guerras de Independência.

⁹ Alfredo Troni nasceu em Coimbra, Portugal, em 1845, mas, obrigado a deixar seu país por causa de suas ações políticas, radicou-se em Angola, onde morreu, na cidade de Luanda, em 1904. Lá procurou integrar-se à cultura local, produzindo jornais bilíngues, em português e

O romance, influenciado pelo realismo queirosiano, narra a trajetória da personagem Andreza, menina “negra de cor clara”, da zona rural angolana, arrancada de sua família para servir de criada e concubina a um colono branco na cidade de Luanda, como forma de pagamento de uma dívida. Logo de saída, um ser diaspórico.

As gerações seguintes da literatura angolana também trarão o desenraizamento como enredo recorrente da vida roubada. Assim, é possível citarmos rapidamente alguns autores e obras que, de uma forma ou de outra, problematizam a diáspora. Da geração *Bailundo*, podemos destacar a obra de Inácio Rebelo de Andrade¹⁰ e a poesia de Ernesto Lara Filho; do grupo de renovação literária após a década de setenta, Manuel Rui, em parte de sua produção poética no exílio em Portugal, durante a década de 60, e em sua obra em prosa citamos *O regresso adiado* (1974) e o romance *Rio Seco*, de 1997. Este último narra a história de um casal de refugiados de etnias diferentes que foge para uma fictícia ilha ao norte de Angola, longe da violência que dilacera o continente.

A partir da década de 1980, os romances angolanos estão marcados pela revisitação crítica da história tanto do colonialismo como do período subsequente, o pós-colonial. Dessa maneira, as primeiras obras procuram combinar um olhar crítico e nostálgico sobre o período de rápida transição (Cf. LEITE, 1996, p. 103-64), refletindo criticamente a história de um período de violência armada e destruição inimaginável.¹¹ É um período em que as narrativas de ficção concentram-se na ironia crítica e na desconstrução da história recente de Angola.

A literatura angolana reagindo à dinâmica da situação pós-colonial, vive hoje um período de ecletismo estético e produtividade reflexiva. Esse fenômeno se deve a uma dialogia transtextual e

quimbundo, e, como bacharel em direito, defendeu os nativos, o que lhe rendeu perseguições políticas por parte das autoridades portuguesas em Angola. É considerado um dos pioneiros da narrativa angolana e um dos autores fundacionais na formação do romance angolano, junto com António de Assis Júnior, Óscar Ribas e Castro Soromenho (CHAVES, 1999).

¹⁰ Na verdade, a obra de Inácio Rebelo de Andrade está marcada pelo drama (pessoal) do exílio. É só passarmos em vista alguns dos títulos das obras que entendemos logo o porquê: *Saudades de Huambo* (1994), *O sabor doce das néspas amargas* (1997), *Quando Huambo era Nova Lisboa* (1998), *Revisitações no Exílio* (2002), *Passageiro sem Bilhete* (2003), *Adeus Macau, Adeus Oriente* (2004), *Na babugem do êxodo* (2005), *Lamento de um exilado* (2012).

¹¹ *Mayombe* (1980), do angolano Pepetela, é talvez o romance mais característico dessa época, que mostra a narrativa heróica de um grupo de guerrilheiros na densa floresta do Mayombe, entre Angola e a região da Cabinda. Mais tarde, por outro lado, o tom patriótico do autor atinge a desilusão e o ceticismo do mito histórico dos heróis nacionais, em *A Geração da Utopia* (1992), *Predadores* (2005) e *O Planalto e a Estepe* (2009). Outro escritor desse período, talvez o mais conhecido e aclamado escritor angolano, mesmo sendo português de nascimento, é Luandino Vieira, autor de obras como *Luanda* (1963); *Nós os do makulusu* (1974); *João Vêncio: os seus amores* (1979); entre outros.

intergeracional e à necessidade de repensar o país, onde a literatura assume o papel de protagonista, sendo veículo privilegiado de atividade reflexiva no registro de análise dos acontecimentos e fenômenos sociais, históricos e culturais de sua época (Cf. MATA, 2006).

Publicado em 2009, o romance *O Pecado Maior de Abel*, de Inácio Rebelo de Andrade, centra-se no drama dos personagens Abel Correia Morgado, imigrante português que, como muitos, partiu de sua terra em direção a Angola, em 1942, “mais para fugir às agruras da vida do que em busca de aventuras”, e seu filho Ernesto, mulato, fruto de sua relação com a jovem africana Nhemba, foi levado pelo pai ainda muito jovem para Portugal, deixando para trás, segundo palavras prévias do autor do romance, “um passado cheio de afectos” e que “não sabe ao certo qual é o seu espaço”.

Ernesto não consegue esquecer África porque esta resiste, viva e colorida, nas saudosas lembranças de seu tempo de infância. Esse doloroso sentimento da nostalgia de Ernesto reflete o sentido de duplicidade de sua vida no exílio: alguém que sofre na tentativa de recuperar uma identidade congelada no tempo e no espaço.

Após voltar ao Andulo, reencontrar seu passado completamente mudado, e não reencontrar a parte desejada dele (sua mãe, sua avó, seu amigo Chitembo), Ernesto se depara com a dura realidade que contraria seu desejo ainda mais-do-que-intocado: não poder mais voltar à Angola de sua infância, cada vez mais distante na sua lembrança pela dessemelhança incompatível entre um passado congelado e um presente inteiramente novo e tristemente irreconhecível. Assim diz o narrador sobre o sofrimento e a angústia de Ernesto: “Fora ingênuo e pagava agora o preço dessa candura. Ninguém podia retornar ao passado, porque este era tal qual um rio a caminho da foz que seguia para diante, sempre para diante, incapaz de correr de novo sob as pontes que deixara para trás” (ANDRADE, 2009, p. 298).

Na busca pela infância, crente de que voltando às origens recuperaria o tempo e o espaço perdidos, Ernesto procura resgatar sua identidade fragmentada constituída por sucessivas perdas. No entanto, encontra-se apenas com a impossível ubiquidade: não pode permanecer a dois lugares simultaneamente e por consequência não pertencia a nenhum lugar. Em *O Pecado Maior de Abel* a experiência do exílio é vivida como culpa e tristeza de quem, desertando o mundo em que nasceu, não faz parte de lugar algum. Assim porque, apesar de os personagens viverem a dicotomia de, por um lado, apelar, através das lembranças da infância, para as referências culturais de sua *Terra Mater*, por outro, sofrem a influência cultural, ideológica e psíquica da pátria no exílio, neste caso representada pela figura paterna. Assim,

O sentimento de inadaptação ao novo espaço e de estar fisicamente em um local e mentalmente em outro, a impossibilidade de ubiquação apresentam-se para o personagem de forma imperativa, impedindo-o de integrar-se à rotina do exílio onde, além de estrangeiro, também é alvo, algumas vezes, de desconfiança. Pela memória, opera-se o transporte ao passado, à cidade angolana, além-mar, objeto de desejo, irrecuperável como o era também o tempo que passava. Isolado, o personagem reedita, por meio das lembranças, sua vida na pátria além (DUARTE, 2012, p. 23).

Cabo Verde é, de todos os países africanos de língua portuguesa, o mais diaspórico por inúmeros motivos — tanto é que é maior o número de caboverdianos no exterior do que nas próprias ilhas do arquipélago. Sua própria formação denuncia o caráter crioulo dos espaços diaspóricos: as ilhas, a princípio inabitadas, foram colonizadas por povos de diversos lugares e etnias e seus habitantes entregues ao processo de amalgamento racial e cultural. Talvez por esse motivo, e por outros de caráter climático, o impacto do colonialismo não tenha sido tão drástico, impulsivo, violento e dramático como nos outros países que compõem o PALOP — embora Portugal tenha criado condições bem peculiares para o surgimento de uma elite intelectual, da imprensa e da literatura em Cabo Verde.

Desde muito cedo, entre as primeiras décadas do século XX, as ilhas e os centros de controle e administração passam para mãos de um grupo da burguesia caboverdiana, formada majoritariamente por mestiços, concentrados nas ilhas santas de São Nicolau, Santo Antão e São Vicente. Ciente dos inúmeros problemas que afetam o arquipélago, o grupo, influenciado pelos movimentos modernistas português e brasileiro¹², este último principalmente, começa desde cedo a tomar consciência da realidade de sua terra, no ambiente socioeconômico e no povo, e procura romper com os modelos de tipo europeu.

¹² Os Claridosos, como foram chamados por causa da revista *Claridade*, fundada em 1936, a mais importante revista da história da literatura caboverdiana, influenciados pelo neorealismo português e pelo regionalismo brasileiro, procuravam superar os conflitos entre o romantismo de matriz portuguesa dos escritores pré-claridosos e o novo realismo. Assim, propondo-se a pensar e analisar a personalidade cultural do arquipélago, chamam a atenção para os elementos próprios da caboverdianidade, como por exemplo: a língua crioula utilizada pelos autores e os temas que refletem a vida em Cabo Verde — o martírio da mãe-terra, a aridez, a seca, a fome; a insularidade e o drama geográfico, emigração ou evasão como transposição dos limites impostos pelo mar. O mar torna-se o elemento provocador da realidade dupla: a viagem e o sonho de encontrar uma terra prometida. Integram o grupos, dentre outros, os seguintes artistas: Jorge Barbosa, Baltasar Lopes e Manuel Lopes.

Apesar disso, a dicotomia da literatura caboverdiana entre a preocupação com os problemas locais e a exploração do sentimento nativo de identidade não é um fenômeno novo. Desde sua gênese com os hesperitanos e os outros pré-claridosos, dentre eles o mais importante poeta de seu tempo, Eugénio Tavares, os poetas já se ocupavam de temas característicos das gerações subsequentes e usavam as composições lírico-musicais das mornas. Típico gênero musical do arquipélago, a morna representa a alma crioula do caboverdiano, desde a linguagem — o crioulo —, os temas — o amor e a saudade relacionados com a vida no exílio — e a melodia — riquíssima mistura de ritmos originários da modinha brasileira, do lundum africano, do fado português, do mambo caribenho, etc.

Os títulos das obras e dos poemas dos escritores caboverdianos dão uma ideia do quanto a diáspora é uma quase obsessão e o apelo da distância muito forte para quem vive nas ilhas: “Hora di bai” é o título de um poema de Eugénio Tavares e de um romance de Manuel Ferreira; “Terra longe”, poema de Pedro Corsino; “Caminho longe”, título homônimo de poemas de Ovídio Martins, Onésimo da Silveira e Gabriel Mariano; *Cais de ver partir*, romance de Nuno Miranda; *Viagem para além da fronteira*, de Teobaldo Virgínio; entre inúmeros outros.

Sobre a questão da diáspora, a produção literária de Orlanda Amarílis¹³ recorre ao tema para ecoar, através das personagens, especialmente as femininas, o sentimento doloroso de desgarramento da terra-mãe (ou madrasta, muitas vezes), com o problema do desemprego e das condições climática. A difícil situação do imigrante na ambiguidade em relação ao exílio, marginalizado e submetido a uma sociedade onde representa a força de trabalho barata, bem como as violências sofridas pela radical diferença cultural enfrentadas entre eles e os habitantes locais constitui matéria da escrita de Orlanda.

Um indício dessa relação em trânsito pode ser visto já desde o título do livro *Cais do Sodrê té Salamansa*, evidenciando a relação entre o exílio em Lisboa, Portugal, e Salamansa, vila de pescadores localizada no norte da ilha de São Vicente, Cabo Verde. Não por coincidência, os contos que abrem e fecham este livro têm títulos homônimos à obra. Isso parece indicar uma relação cíclica pois o lugar de partida e chegada invertem aqui seus papéis.

Assim, para além de uma literatura da diáspora no seu sentido mais restrito, isto é, “de retorno, com cunho fortemente messiânico”, a ficção em prosa de Orlanda Amarílis é “também uma literatura de diferentes recursos estilísticos, inclusive pela aproximação dos modelos europeus, o que

¹³ Isso porque a autora só publicou três livros de contos, a saber, *Cais-do-Sodrê té Salamansa* (1974), *Ilhéu dos Pássaros* (1983) e *A Casa dos Mastros* (1989).

[...] transforma-se em marca de originalidade, sem anular seu valor social” (TUTIKIAN, 1999, p. 36).

Os percursos da literatura moçambicana são semelhantes aos da angolana. A formação de uma elite mestiça que aos poucos se apoderou do poder e foi um fator importante na emergência de uma literatura que atravessa as fases do colonialismo artístico e atinge sua maturidade no pós-guerra.

Apontada por alguns críticos, a figura de maior importância para a literatura moçambicana é o poeta José Craveirinha. Nele encontramos uma poesia realista, influenciada pelos movimentos da negritude, e de intensa conotação política, além de uma poesia marcada pela tradição oral e o pendor lírico.

A partir da década de 60, coincidente com os primeiros anos de guerrilha, a literatura moçambicana apresentou um acentuado desenvolvimento. Nos anos de 1964 e 1965 foram publicados, respectivamente, o livro de contos *Nós matámos o cão tinoso*, de Luís Bernardo Honwana, e o romance *Portagem*, de Orlando Mendes, produções literárias que documentam a opressão do colonizado e se situam no contexto de discriminação racial e econômica que se vivia na então colônia lusa.

Após a independência, surgiu uma nova leva de autores ao redor da revista *Charrua*, fundada em 1984, que permitiu o desenvolvimento de novas práticas de escrita na prosa e na poesia. Esta geração procurava eliminar as dicotomias existentes entre o mundo moderno e a tradição, entre a literatura e a oralitura, e outros temas dicotômicos muito característicos do ranço colonial. Em meio a essa geração de intelectuais, destaca-se a produção literária de Lília Momplé, Lina Magaia, João Paulo Borges Coelho, Mía Couto e Paulina Chiziane. Neles estão os ecos das tradições moçambicanas e as novas vias estéticas importadas da metrópole, entre o conto e o romance, abordando vários temas sociais.

O romance *Ventos do apocalipse*, de Paulina Chiziane, por exemplo, contrasta com o exotismo tão esperado pelos leitores acostumados com as narrativas da “África profunda” e apresenta um discurso denso, no qual o sofrimento provocado pela seca, pela guerra e pelos fantasmas interiores dos protagonistas do livro forjam um texto que prende o leitor pela força do trágico em suas páginas. Assim, as personagens são forçadas a um grande êxodo em função, principalmente, das guerrilhas travadas entre os grupos do governo e as milícias de oposição.

O excerto a seguir, traduz as dificuldades de quem tem de deixar a terra por força do clima hostil e dos ataques que impulsionam todos a migrarem de seus lugares, numa diáspora endógena que parece não ter destino nem hora da chegada. Esta visão destoa do desejo de *homeland* como o local para o qual se deve voltar, uma vez que a terra não é mais vista de

forma nostálgica. A experiência de sofrimento vivenciada pelas personagens, e as rápidas mudanças no cotidiano dos seus lugares de origem, excluem qualquer possibilidade de acolhimento com o qual eles possam se identificar política, cultural, ideológica, social e afetivamente. Até porque os que permaneceram ficaram por força de não poder emigrar. São eles: velhos, doentes, mulheres e crianças.

A guerra penetrou em Mananga. Já se ouvem rumores da guerra em Macuácuá, mas ultimamente os roquetes de bazucas e rajadas de metralhadoras aproximam-se de Alto Changane. Já se ouvem notícias de camponeses mortos e capturados. O momento é de dificuldades. Quem escapa da fome não escapa da guerra; quem escapa da guerra é ameaçado pela fome. Os jovens arrumam a trouxa e partem. Os velhos, as mulheres e as crianças ficam (CHIZIANE, 2002, p. 58).

Tanto a guerra colonial quanto a civil trouxeram grande devastação para o território moçambicano, levando seus habitantes à fuga premente. Os primeiros sinais foram anunciados em 1960, com o massacre de Mueda, quando um grupo de camponeses foi dispersado a tiros pelas autoridades administrativas locais. A partir de então começam as tensões entre os militares portugueses e o grupo de guerrilheiros da FRELIMO, intensificando-se a partir de 1965. Uma das estratégias dos portugueses para o combate às forças de resistências estava justamente no recrutamento de mercenários que, aproveitando as rivalidades existentes, utilizavam as forças locais para a conquista territorial (CABAÇO, 2009, p. 250). Ao mesmo tempo havia, por outro lado, uma atitude solidária entre os grupos de combate ao inimigo comum, o colonizador português. As práticas coloniais, então, tinham também uma relação direta com a simpatia na luta de libertação moçambicana e no avanço da estratégia guerrilheira da FRELIMO.

O ambiente de guerra que empurra personagens ao êxodo mostra uma parcela aterrorizante dos quinze anos de guerra civil em Moçambique. Sem eufemismos, a guerra é vista de forma crua e violenta. No romance, vemos um universo em que o ambiente e os homens sofrem paulatinamente com a destruição provocada pela seca e pela guerra (ADÃO, 2007). Esse contexto de destruição, guerra e fome acaba destituindo os personagens de sua humanidade e transformando-os em feras que, por um lado, procuram sossego como cães farejam os caminhos da tranquilidade, e por outro, procuram defender seu território a todo custo de forasteiros que invadem suas terras, saqueiam sua comida e atraem doenças das mais diversas.

No final do romance, a insegurança pressentida na nova aldeia dá lugar a uma cena que privilegia o escatológico, cenário de horror que se

instala na descrição sombria de um “céu de cinzento-negro” que anuncia o retorno dos cavaleiros do apocalipse.

Descem do Poente os cavaleiros do Apocalipse. São dois, são três, são quatro, o povo inteiro cava sepulturas. O quarto, o terceiro e o segundo já aterraram. O primeiro está quase a aterrar. O seu cavalo reverbera no Céu ofuscando a vista, gira, balança-se, rodopia, ginga, toma a posição de aterragem, os pés do cavalo estão a um milímetro do chão, o cavaleiro nobre sorri satisfeito, Deus, tende piedade deste povo inocente! Perante o espanto do galhardo cavaleiro, o cavalo encolhe os pés, bate as asas para o alto e sobe, sobe, acabando por ficar suspenso nas nuvens.

E a aldeia do Monte recebe o seu baptismo de fogo (CHIZIANE, 2002, p. 273-5).

As páginas finais do romance remetem à desolação, permeada pela fome e pela guerra, num ambiente de extrema miséria material e espiritual, durante o longo período de guerra civil em Moçambique.

A primeira leva de estrangeiros acolhidos por Portugal após os acontecimentos de 74 veio da Guiné-Bissau e de Cabo Verde. Crioulos aculturados, como foram chamados, por terem assimilado bem a cultura da civilização europeia. Com o passar do tempo, houve algumas mudanças quanto às características dos migrantes. Com quase nenhuma instrução, os homens eram obrigados a trabalhar na área da construção civil (cerca de 83,5%) e as mulheres como empregadas domésticas (64,1%),¹⁴ com longas jornadas de trabalho e sem nenhum direito laboral. Apesar disso, os migrantes gozavam de mais vantagens e maior conforto com relação às péssimas condições de vida na terra natal.

As condições de vida do migrante no estrangeiro são representados por Filinto de Barros no romance *Kikia Matcho*, cuja personagem homônimo sofre as consequências de quem, deixando seu lugar de origem, vai à metrópole à procura de uma vida melhor. De acordo com Augel, para o personagem Kikia Matcho:

[...] em Portugal não passaria jamais de uma estrangeira e não chegaria nunca a um nível social digno [...]. Enfermeira, continuava a ter uma vida paupérrima, apenas sobrevivendo às

¹⁴ Segundo Augel (2007, p.187), em consequência da guerra civil entre os anos de 1998-99, boa parte da intelectualidade bissau guineense deixou o país numa onda migratória em direção principalmente a Portugal. Esse fenômeno, conhecido também por *brain drain*, acabou por causar a instabilidade política e a precariedade econômica e educacional do país.

custas de muito esforço e amargura. [...]

[...] as causas da imigração são enumeradas pelo narrador onisciente: a falta de víveres, os horrores do racionamento, a falta de competência dos novos chefes, sem qualificação para os cargos que assumiam; os problemas crescentes do país recém-independente [...] (AUGEL, 2007, p.187-8).

Outro autor que se dedica a problematizar a questão do migrante de volta à terra natal é Abdulai Sila. Em seu romance *A última tragédia*, o autor narra a história de uma jovem que foge de sua aldeia para a cidade grande a fim de escapar de um vaticínio. Apesar de aculturada como muitas jovens que trabalham como domésticas — aprende a língua e os costumes dos portugueses, é cristianizada pela patroa e violentada sexualmente pelo patrão — a personagem conserva sua identidade.

Quinhamel representa aqui um microcosmo territorialmente circunscrito e que é dado a conhecer pela ação e liderança do régulo Bsum Nanki. Abdulai Sila empreende sua narração da nação demarcando e delimitando bem claramente as fronteiras simbólicas entre um “nós” e um “outro”. O autor lança mão de símbolos tirados tanto do ambiente rural da *tabanca*, do mundo africano com seus usos e costumes específicos, suas regras e sua hierarquia, a crença no sobrenatural e no encantamento. Quinhamel é o mundo do “outro”, em oposição ao primeiro espaço, o da capital: a igreja e o catolicismo, a escola, a casa luxuosa e grande, com os requintes da vida moderna, a pretensa superioridade do dominador (AUGEL, 2007, p. 309).

Através do drama de Ndani e dos outros protagonistas, da migração em busca de melhores condições de vida, passando pela busca de um lugar onde se possa construir um novo começo, ao exílio forçado, o romance propõe uma reflexão sobre os traumas da colonização, apontando os paradoxos entre tradição e modernidade.

Em todos os casos, enquanto tema nas literaturas dos PALOP, a diáspora mostra que a integração entre a antiga metrópole e sua ex-colônia é ambivalente e problemática, de forma especial para o migrante. No cerne de uma crise de identidade estão: a consciência da inferioridade e da exclusão social; o desejo de ultrapassar a discriminação à custa da aquisição de bens de consumo; a estabilidade econômica através de uma melhor formação profissional e, conseqüentemente, um melhor emprego; entre inúmeros outros problemas que agravam a cisão das diferenças culturais, ideológicas e mesmo religiosas entre os migrantes e as sociedades nas quais eles estão inseridos.

De São Tomé e Príncipe, destaca-se a produção de Olinda Beja, cujo romance, *15 dias de regresso* (2007) desenha o painel da vida da diaspórica Xininha e seu retorno, mesmo que temporário, ao seu país de origem. Arrancada na infância ao cuidado da mãe africana, a jovem vive em Portugal sem, entretanto, sentir-se no seu lugar de pertença. Ela pouco conhecia de São Tomé mas tinha convicção de ter ali plantadas suas raízes.

CONCLUSÃO

De maneira geral, as literaturas africanas de língua portuguesa problematizam, através de seu discurso ficcional, práticas culturais que se inter-relacionam às estruturas de poder. Por estarem profundamente vinculadas às suas raízes culturais e às dinâmicas sociais de seus contextos, não devemos considerá-las, ingenuamente, como uma produção extensiva da literatura europeia, como uma *mimesis* de terceira mão. Um rápido olhar sobre essa produção, de maneira especial as contemporâneas, possibilita a constatação de que essas manifestações privilegiam duas experiências fundamentais para sua compreensão: a *tradição da oralidade* e a *identidade cultural*. Alguns autores acreditam, inclusive, que esses temas são indissociáveis, uma vez que não há como dimensionar a construção das diferentes identidades culturais do continente africano fora do âmbito da oralidade. É esta que possibilita, por exemplo, estabelecer uma marca distintiva entre o discurso africano e as heranças do jugo colonial.

Dessa forma, ao longo da história de sua formação, as literaturas das Áfricas lusofalantes têm procurado estabelecer uma síntese conciliadora entre a herança da tradição cultural das sociedades autóctones, pautada numa literatura de caráter oral, e a assimilação dos valores grafocêtricos do colonialismo português. Aliás, talvez essa seja uma das poucas semelhanças entre os cinco países do PALOP, que, ao contrário de países anglófonos e francófonos, não fazem fronteira entre si. Outra semelhança partilhada são os anos de colonização e exploração pelo mesmo senhor: Portugal. Não é à toa que a antiga metrópole acabou se transformando em destino quase certo para aqueles que procuram migrar em busca de melhores condições de vida.

Neste sentido, o espaço diaspórico é um lugar fronteiro onde culturas, as mais diversas, constantemente se (re)produzem através da transformação e da diferença. A desterritorialização, seja para o exterior ou no interior do próprio território nacional, torna-se um elemento fundamental para refletir sobre a construção de um espaço de identificação cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADÃO, Deolinda M. Novos espaços do feminino: uma leitura de *Ventos do Apocalipse* de Paulina Chiziane. In: MATA, Inocência & PADILHA, Laura (Orgs.). *A mulher em África: vozes de uma margem sempre presente*. Lisboa: Edições Colibri, 2007. p.199-208.

AMARÍLIS, Orlanda. *Cais-do-Sodré té Salamansa*. Coimbra: Centelha, 1974.

ANDRADE, Inácio Rebelo de. *O pecado maior de Abel*. Lisboa: Colibri, 2009.

AUGEL, Moema Parente. *O desafio do escomburo: nação, identidades, e pós-colonialismo na literatura de Guiné-Bissau*. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

BEJA, Olinda. *15 dias de regresso*. Coimbra: Pé de Página, 2007.

BONNICI, Thomas. *O pós-colonialismo e a literatura: estratégias de leitura*. 2.ed. Maringá: EDUEM, 2012.

CABAÇO, José Luís. *Moçambique: identidade, colonialismo e libertação*. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CHIZIANE, Paulina. *Ventos do apocalipse*. Lisboa: Editorial Caminho, 2002.

DUARTE, Zuleide. *Outras Áfricas: elementos para uma literatura da África*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2012.

FERREIRA, Eduardo de Sousa et al. *Diáspora Angolana em Portugal: caminhos de retorno*. Cascais: Príncípia Editora, 2008.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. *Os filhos da África em Portugal: antropologia, multiculturalidade e educação*. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. Angola. In: CHABAL, Patrick (Org.). *The postcolonial literature of lusophone Africa*. Evanston, Illinois: Northwestern University Press, 1996. p.103-64.

LOPES, Baltasar. *Chiquinho*. São Paulo: Ática, 1986.

MATA, Inocência. Laços de memória: a escrita-testemunho como terapêutica na literatura africana — os casos de Angola e da Costa do Marfim. In: MATA, Inocência. *Laços de memória & outros ensaios sobre literatura angolana*. Luanda: UEA, 2006. p.17-31.

_____. *A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões*. Luanda: Editorial Nzila, 2007.

ØIEN, Cecilie. The Angolan diaspora in Lisbon: An introduction. *Economia Global e Gestão*, Lisboa, v. 12, n. 3, dez. 2007. Disponível em: http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-74442007000300003&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 28 nov. 2015.

SANTOS, Milton. *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. 2.ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SAYAD, Abdelmalek. Le pays où l'on n'arrive jamais. *Courrier de l'Unesco* (p.10-2), Paris, 1996.

SILA, Abdulai. *A última tragédia*. Bissau: Ku Si Mon, 1995.

TUTIKIAN, Jane. *Inquietos olhares: a construção de identidade nacional nas obras de Lídia Jorge e Orlanda Amarílis*. São Paulo: Arte & Ciência, 1999.

Data de recebimento: 31 de dezembro de 2015

Data de aprovação: 30 de maio de 2016